



## O FÜHRER EM TRAÇOS CÔMICOS: HITLER SEGUNDO OS CARICATURISTAS DA REVISTA

### CARETA AO LONGO DA II GUERRA MUNDIAL

Marcelo Almeida Silva\*

A dissertação de mestrado “*O Reich e o Stato aos pés do Cristo: o totalitarismo sob a ótica das charges da revista Careta durante a Segunda Grande Guerra*”, defendida por mim em fevereiro de 2014, teve o objetivo inédito de compreender como os caricaturistas de uma das principais revistas ilustradas do país elaboraram representações cômicas dos principais regimes totalitários do período – O de Hitler, na Alemanha, o de Mussolini, na Itália e o de Hirohito, no Japão –, bem como dos eventos que permearam o conflito, em um momento em que o próprio Brasil vivenciava a ditadura do Estado Novo e lutava ao lado dos Aliados contra o Eixo. O texto que aqui apresento, contudo, é a síntese do primeiro capítulo da dissertação, “*O ‘Bigodinho Iluminado’*”, dedicado exclusivamente à análise das charges sobre Adolf Hitler e seu desempenho como líder da Alemanha Nazista. Alvo mais visado pelos artistas da *Careta*, Hitler teve sua vida e personalidade assaz expostos nas páginas da revista, suas fraquezas e debilidades evidenciadas em prol de seu descrédito político e pessoal.

A *Careta*, que, embora circulasse em outros estados do país, era publicada no Rio de Janeiro, ia às bancas semanalmente, sempre aos sábados. Desde seu lançamento em 1908 por Jorge Schmidt possuía um forte caráter humorístico presente tanto em seu aspecto textual quanto no iconográfico. Sempre na oposição de quem estivesse na situação dominante e contando com um quadro de coparticipantes composto por literatos, artistas plásticos e desenhistas, a revista detinha ainda a colaboração de profissionais de grande renome no campo nacional da caricatura, como Djalma Pires Ferreira – Théó – e José Carlos de Brito e Cunha – J. Carlos, cuja produção artística, reconhecida mundialmente, foi presença constante nos mais de cinquenta anos de veiculação do semanário. Nas palavras de R. Magalhães Junior, “A *Careta* “transcende do plano municipal e nacional ao internacional, dando os seus tiros de atiradora solitária contra os tubarões do fascismo, contra os pretensos salvadores do mundo, do tipo de Mussolini, de Hitler, de Franco, de Salazar, etc” (LIMA, 1963: 152).

O front de batalha da *Careta* era composto por somente três combatentes: Osvaldo, J. Carlos e Théó. Osvaldo Navarro, o “caricaturista rural” como era chamado por Kalixto, era especialista em charges protagonizadas pelas figuras mais genuínas das cidadezinhas do

---

\* Universidade Federal de Juiz de Fora, aluno doutorando do PPG História da UFJF; bolsista CAPES/CNPq.

interior, conhecidas pelos caminhos entre Barbacena e o Rio de Janeiro, que constantemente percorria (LIMA, 1963: 1345). O carioca J. Carlos – José Carlos de Brito e Cunha –, considerado o maior caricaturista brasileiro de todos os tempos, foi um dos primeiros a caricaturar o indivíduo sem se esquecer do meio e, trabalhando a maior parte do tempo na *Careta*, tornou-a a crônica mais exata da realidade política de seu tempo. Duma sensibilidade quase feminina, e de um horror total aos assomos da opressão ou da violência, J. Carlos era possuído sempre por uma alta chama de liberdade espiritual e idealismo (LIMA, 1963: 1070). E Théo, codinome do baiano Djalma Pires Ferreira, que transferiu-se cedo para a capital federal na época, de onde procurou criticar e protestar através de suas charges e a seu modo contra escândalos, abusos e mentiras políticas; suas charges na capa da *Careta* se revestiam muitas vezes de um profundo alcance político a que não é alheia, também, aqui e ali, uma nota de pungente e cruel sarcasmo (LIMA, 1963: 1388). São dele as palavras abaixo:

*Quando, durante o Estado Novo, combatemos Hitler e Mussolini, nós o fizemos burlando a inepta censura e, se hoje combatemos Stalin, não o fazemos levados pela vesga propaganda oficial. Ontem, como hoje, nós combatemos o ditadores, todos eles, porque, nas ditaduras, se suprime a liberdade* (LIMA, 1963: 1402).

O *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores – NSDAP) – e, conseqüentemente, o “Estado do Führer” como um todo – têm em comum a presença de Adolf Hitler no centro de suas atenções. Hitler construiu um movimento que o colocou como protagonista dos acontecimentos. O culto ao Líder era indispensável ao partido, e a subordinação da “ideia” à pessoa de Hitler era necessária e desejada pelos membros do NSDAP, de cuja instituição já era voz, figura representativa, personificação (KERSHAW, 2010). Assim como os alemães estavam conscientes do papel central que Hitler representava em seu país, também aqui nossos caricaturistas captaram o protagonismo do líder nazista. Durante todo o período da guerra, mas principalmente a partir de 1942, a partir de quando o Brasil se alinha às potências Aliadas contra o Eixo, a figura de um Hitler caricato esteve muito presente nas edições da *Careta*, 38 vezes estampando a capa da revista.

E Hitler era fácil de caricaturar. Possuidor de características físicas marcantes e facilmente identificáveis pelo público, Hitler foi presa fácil para os guerreiros do lápis. Seu modo particular de pentear os cabelos e seu bigode único foram distorcidos pelos artistas com

facilidade, pois a arte da caricatura, e aí reside a principal fonte do riso, consiste em identificar e realçar o assimétrico e disforme, retratando de maneira exagerada características tidas como salientes ou defeituosas. A aparência de Hitler, contudo, foi apenas um dos meios utilizados pelos caricaturistas para atingir seus propósitos: exploraram também seu comportamento histérico; a polêmica questão em torno de sua sanidade; seu trauma de juventude, traduzido em sua incapacidade de ingressar na Academia de Belas Artes de Viena; o aspecto bélico/militar da vida do Führer; sua ganância e ambição desmedidos; seus fracassos e derrotas.

A aparência de Hitler não era motivo de riso apenas no desenho em si. Muitas charges traziam como principal objeto de sátira seu peculiar bigode, espécie de marca registrada de sua imagem. Osvaldo, em charge publicada em 19 de junho de 1943, munido de seu tradicional traço de “caricaturista rural” e mantendo a linha de diálogos disparatados entre dois indivíduos sobre fatos noticiados na imprensa, desdenha o bigode de Hitler sem desenhá-lo: o cavalheiro considera improvável que, de acordo com a imprensa, o Führer consiga viajar sem ser reconhecido pela Alemanha, já que o exótico bigode denunciaria sua posição. Meses antes da referida charge – 20 de fevereiro de 1943 –, a *Careta* publicou outra de Osvaldo sobre este tema: desta vez, dois amigos dialogam sobre uma notícia segundo a qual Hitler estaria usando óculos. A comicidade se encontra na dúvida dos dois amigos sobre onde o Führer do Terceiro Reich usaria seus óculos, já que a forma de pentear os cabelos e de manter o bigode seria diferente de todos os outros homens. Portanto, fica sugerido que Hitler escolheria outra parte do corpo, menos apropriada, para o uso dos óculos.

Para além do aspecto físico de Hitler, sua personalidade, seus trejeitos e seu modo particular de liderança também não foram poupados por nossos artistas. A imagem histórica frequentemente associada à figura de Hitler deve muito à campanha feita pelos opositores do nazismo, e foi exatamente isso que Théo procurou fazer quando publicou uma charge em dezembro de 1942. A charge, que mostra o diálogo entre dois homens, traz como legenda uma notícia que aponta para dificuldades enfrentadas por Hitler em sua carreira, que o estariam levando a uma das piores crises. O ano de 1942 marcou o fim do período de grandes vitórias conquistadas pelos exércitos alemães, e, principalmente com a entrada dos Estados Unidos na guerra no final de 1941, inaugurou um tempo de ligeiro equilíbrio de forças entre as potências envolvidas no conflito, que logo seria substituído por um temporal de reverses sofridos pelo Eixo, que culminaria com sua derrota. Na charge de Théo, dois cavalheiros discutem a notícia

dos telegramas, quando um deles se questiona sobre a possibilidade de crises ainda piores na carreira do Führer. A resposta do outro é positiva: sim, existem crises ainda piores, as de histerismo. A hipérbole é clara, e procura destacar um aspecto comportamental cuja ênfase seria, obviamente, indesejada por Hitler.

Um ponto obscuro e polêmico, até em dias atuais, foi abordado pelos chargistas da *Careta* na implacável luta contra Hitler: sua sanidade. Para eles, contudo, não havia mistério, tampouco polêmica, como vem ilustrar Théo, numa charge datada de 1943.



**Figura 1**

“Diagnostico tardio

– Parece que Hitler enlouqueceu de fato.

– Louco está ele ha muito tempo, mas infelizmente só agora foi que os alemães perceberam.”

D.P.F.

Djalma Pires Ferreira nos leva a mais uma cena de diálogo descomprometido entre dois cavalheiros, cujo assunto gira em torno da demora pela parte dos ingênuos alemães em reconhecer e perceber que seu líder messiânico era, na verdade, um louco. Aqui, a loucura de Hitler era óbvia para seus inimigos, e os alemães, alienados pelo fascínio e pela propaganda nazista, foram impedidos de perceber tal insanidade a tempo.

Pessoas próximas de Hitler, como sua secretária Christa Schroeder e o plenipotenciário Hermann Göring, comandante da Força Aérea alemã, já no fim da guerra chegaram a afirmar que o líder da Alemanha nazista perdera suas faculdades mentais (SCHROEDER, 2007: 206), declarações que se distanciam de estudos que apontam para o fato de que é impossível afirmar incisivamente que o líder alemão estivesse realmente demente. De qualquer forma, um certo consenso gira em torno da ideia de que a Alemanha não era governada por um homem saudável, completamente racional e capaz de administrar com competência e fazer escolhas

prudentes. Mas aos nossos caricaturistas, incansáveis oponentes do nazismo, era interessante pintar um Hitler desequilibrado como mais um viés de oposição, utilizado para esvaziar de legitimidade as ações do Führer – um louco não merece ser respeitado como líder, suas ações não devem ser levadas a sério. Mesmo em charges que não se debruçavam especificamente sobre o tema da insanidade, é possível ver que o Hitler que nascia dos lápis dos artistas possuía um “quê” de insano e debilitado.

Mas o inimigo de nossos “combatentes” não era apenas bizarro esteticamente, histérico e louco. Era, ainda, um homem frustrado, um projeto não executado de artista fadado ao fracasso. E isso foi peculiarmente percebido por Théó, que, em mais de uma ocasião, soube particularizar com maestria a temática da frustração artística de Hitler.



**Figura 2**

Imaginação

– O “artista” continúa pintando o quadro da “Vitoria”, apesar do “modelo vivo” não ajudar...

A charge assinada por Théó foi às bancas em 18 de novembro de 1944. Nela Hitler, “o artista”, trajando sua habitual vestimenta com a braçadeira nazista, segura paleta na mão esquerda e pincel na direita, e observa uma cena inusitada. Um suposto modelo vivo – que deveria cumprir o papel de Vitória – posa ao lado de uma tela finalizada, mas as duas figuras não convergem. A mulher retratada na tela, magra, com cabelos lisos, alada, portadora do escudo intacto nazista, representação perfeita da vitória, é exatamente o oposto do que deveria ter sido sua inspiração: uma mulher obesa, de aparência repugnante, tomada por escoriações e lesões, apoiada em uma muleta trajando trapos, segurando o estandarte nazista em frangalhos. Embora não tenha sido representada a incapacidade de Hitler em elaborar uma obra apreciável, já que a tela da charge é um quadro perfeito da vitória, Théó utiliza esta arma

para criticar as atitudes de Hitler, que, ao lado de seu Ministério de Propaganda, pintava – para os olhos dos alemães – um quadro de otimismo em relação ao rumo tomado pela guerra, enquanto a Alemanha caminhava, em 1944 já a passos largos, para o abismo. Apresentava uma Alemanha e uma realidade inexistentes, apoiado na ideia de que o que convence as massas não são os fatos em si, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência do sistema do qual esses fatos fazem parte (ARENDDT, 1989, p. 401). A grande crítica da charge está relacionada à propaganda enganosa do Nazismo, que, dominando a máquina e a genialidade de propaganda através do Ministro Joseph Goebbels, fazia com que o povo visse a realidade desejada por eles.

Nem o profundo conhecimento de Hitler sobre artes e arquitetura, nem seu suposto potencial artístico, contudo, foram suficientes para impedir que os caricaturistas brasileiros acrescentassem o desmoronamento de seu sonho e seu fracasso de juventude ao caldeirão de “motivos para não levar Hitler a sério”, grande objetivo dos três. Mais uma vez um traço incômodo de Hitler – aos seus próprios olhos – era utilizado contra ele, uma característica realçada para enfatizar um ponto negativo do Führer. A amargura e a decepção de um homem transformados em motivo de riso em prol da desmistificação da figura do mesmo. E essa ideia de ler Hitler a contrapelo perpassou ainda por outros aspectos da figura do Führer, e uma das propostas era a de apresentar aos brasileiros um líder militar arrogante, mau estrategista e, em consequência, fracassado.



Figura 3

“Bigodinho” desistiu...

– A direção da guerra volta a ser confiada aos generais alemães! ...

– Não adianta. Os mortos e prisioneiros não voltam...

O. N.

As estratégias de Hitler foram reprochadas por Osvaldo em 1943, quando o artista divulgou uma charge na terceira página da *Careta* – cujo título serviu de inspiração para o nome do capítulo –, criticando a postura de Hitler de confiar a direção da guerra aos generais alemães. O argumento era que, não importava o que Hitler fizesse, os reveses alemães jamais seriam reparados, os mortos jamais levantariam de seus túmulos, os erros do passado já não podiam mais ser recuperados. Em outras palavras, os fracassos de Hitler eram irremediáveis. Foram muitas as charges que pintaram Hitler malogrado, e uma das que melhor traduz essa ideia foi veiculada em julho de 1944, assinada pelo mestre J. Carlos.



**Figura 4**

Aos posteros

Indelevelmente gravado sobre as páginas da História...

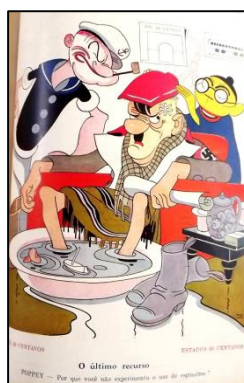
Adolf Hitler considerava-se um homem chamado a cumprir uma missão histórica, cujo objetivo era, para ele, desfazer a mancha da derrota e da humilhação de 1918 com a destruição dos inimigos – internos e externos – da Alemanha e restaurar a grandeza nacional. Diante dos triunfos dificilmente imagináveis obtidos desde 1933, e se tornando pouco a pouco vítima do mito de sua própria grandeza, Hitler ficou cada vez mais impaciente para ver sua missão cumprida enquanto estivesse vivo (KERSHAW, 2010: 411). Passara a se considerar predestinado pela Providência: “Eu sigo com a certeza de um sonâmbulo ao longo do caminho traçado para mim pela Providência”, disse numa grande concentração em Munique, no dia 14 de março de 1936. Segundo imaginava, quando tivesse finalmente triunfado, teria seu nome escrito nas páginas da História.

E, por incrível que pareça, J. Carlos representa, em terras brasileiras, este profundo desejo de Hitler. A diferença é metodológica: não são por suas proezas, mas por seus

fracassos, que o Führer seria “indelevelmente gravado sobre as páginas da História”. E os responsáveis por essa escrita têm nome e rosto – Roosevelt, Stálin e Churchill. Mas não estão sozinhos. Seu rolo compressor, utilizado para esmagar Hitler sobre o metafórico livro da História, é dirigido por eles, mas é composto por nações que, representadas por suas respectivas bandeiras, atuaram na luta contra o nazi-fascismo, e dentre elas o Brasil. Hitler, desesperado, já com metade do corpo esmagado, tenta agarrar-se em nada para escapar da ofensiva, mas a grande quantidade de fumaça que sai da chaminé do veículo – que se assemelha neste ponto a uma locomotiva – mostra que o contra movimento de Hitler é em vão. Detalhe para quem, de fato, comanda o avanço do rolo compressor: Churchill, considerado o mais empenhado inimigo de Hitler durante a guerra.

Essa, talvez, seja a charge que melhor retrata o ideal de fracasso que os artistas procuravam transmitir, uma vez que, além de mostrar um Hitler visivelmente em pânico, sendo suprimido por seus inimigos, traz também os protagonistas do teatro da guerra, os grandes responsáveis pelas desgraças militares da Alemanha. Até aqui, vimos charges em que o insucesso de Hitler era causado por elementos endógenos a ele, como seus problemas de relação com seu corpo de oficiais, sua ganância, sua ineficiência. Aqui, o que aparece é um Hitler derrotado por inimigos externos, donos de corpos e rostos muito particulares.

J. Carlos, privilegiado pelos recursos gráficos mais sofisticados disponíveis para as charges da capa da revista, explorou como ninguém – e de diversas formas – a imagem de Hitler derrotado. Para a edição de número 1892, presente na figura 5, o mestre da caricatura brasileira evoca uma conhecida figura do mundo do entretenimento americano, o Marinheiro Popeye.



**Figura 5**

O ultimo recurso

POPPEY – Por que você não experimenta o uso de espinafres?

Aqui, a personificação do nazismo – regime que orgulhava de exibir sua força, ordem e disciplina – aparece rabugenta e com canelas finas. O que os leitores vêem é um Hitler fraco, debilitado, adoecido. Sem o tradicional uniforme nazista, Hitler, exibindo profundo descontentamento (e profundas olheiras), descansa os pés numa bacia de água quente, e tem um cobertor sobre os joelhos e um lenço ao redor do pescoço, para proteger-se do frio. O cenário é o da reabilitação de um doente à moda antiga. Atrás de Hitler, Hirohito, o imperador japonês, aliado do nazismo durante a guerra, tenta amenizar a situação, colocando sobre a cabeça do Führer uma bolsa de água. A charge é recheada de elementos antinazistas: o curativo na cabeça de Hitler tem a forma da bandeira britânica; os cartazes ao fundo trazem desenhos representando lugares conhecidos da França, como o Arco do Triunfo e a Torre Eiffel; ao lado de Hitler, ninguém menos que Popeye, vetor da sátira da charge, simbolizando o setor norte-americano da oposição à Hitler. O marinheiro oferece uma nova sugestão ao problema de Hitler: o uso de espinafres. Isso porque, no desenho no qual Popeye é protagonista, o vegetal age sobre ele como uma mágica: quando come espinafres, Popeye adquire uma força inacreditável, que o capacita para resolver qualquer um de seus problemas, que geralmente envolvem sua amada Olívia Palito e seu inimigo Brutus.

A charge é o oposto de todo o triunfo que Hitler e seu regime – representado pela discreta suástica presa ao seu braço – procuraram transmitir ao mundo através de sua propaganda. O que se vê é um homem doente, líder de um regime (já em 1944) suprimido por seus inimigos. A descrença na vitória do nazismo na guerra é acentuada quando Popeye sugere que Hitler experimente o uso de espinafres, fazendo com que as chances de um resultado favorável aos alemães passem do plano do possível para o do imaginário/hipotético.

Mais para o fim da guerra começaram a surgir com maior frequência charges com o tema “destino de Hitler”. Sua morte começa a ser discutida entre os caricaturistas, e diversas abordagens são oferecidas. Théo não esconde sua repulsa por Hitler ao publicar, em dezembro de 1944, uma charge intitulada “O Monstro”. Nela, dois cavalheiros dialogam sobre os acontecimentos da guerra. Um dos amigos diz não compreender o porquê de um judeu, seu conhecido, não concordar com a ideia de ver Hitler fuzilado. Seria, aos seus olhos, incompreensível que um judeu, fazendo parte do grupo que se constituiu como maior alvo e vítima do regime nazista, não desejasse a morte de Hitler, à maneira que fosse. Mas o amigo

acredita ter a resposta, que seria uma solução mais inteligente: a hipótese de capturar Hitler vivo e exibi-lo em uma jaula, como um monstro em uma feira de amostras seria muito mais interessante. Hitler aqui seria uma espécie rara, que atrairia a atenção de curiosos por todo o mundo.

Théo, em outra ocasião (25 de setembro de 1943), vai além de sua visão de Hitler como monstro e o pinta como o próprio demônio. No desenho, traça-se um nítido paralelo entre a figura do Führer e a do diabo, quando um dos cavalheiros, após a declaração de seu amigo de que Hitler protegeria o Papa, diz que, portanto, Deus ficaria sob a proteção do demônio. Era a maneira mais direta de desmerecer e expor oposição ao nazismo, pintar seu líder como o próprio Satanás.

A figura de Lúcifer foi novamente invocada para tratar da morte de Hitler. Trata-se da capa da edição número 1894 da *Careta*, novamente assinada por José Carlos, pintada, predominantemente, nas cores vermelho, ocre e preto. Hitler novamente é omitido, mas não completamente: na charge em questão, o Führer se encontra do outro lado da linha telefônica, e é seu interlocutor quem merece destaque.



Figura 6

Amicus certus in re incerta cernitur

- Alô! Adolfo! Adolfo! Não te preocupes com asilo. Conta comigo. Tenho ao seu dispor um bom apartamento. Aquecimento perfeito. Grande lareira..

O ousado mestre da caricatura arrisca um título em latim para sua charge: “*Amicus certus in re incerta*”. Trata-se de uma parte de um ditado que, em versão integral corresponde a: “*Amicus certus in re incerta cernitur*”, cuja tradução para o português aproxima-se de “O amigo certo aproxima-se na ocasião incerta”. O diabo é apresentado aos brasileiros como

amigo de Hitler, e faz uma ligação para o Führer a fim de tranquilizá-lo: “*Alô! Adolfo! Adolfo! Não te preocupes com asilo. Conta comigo. Tenho ao seu dispor um bom apartamento. Aquecimento perfeito. Grande lareira...*”. O desejo de ver Hitler morto é endossado pelo de vê-lo no inferno, aquecido pela grande lareira de Lúcifer, que receberia com grande hospitalidade seu amigo austríaco.

As charges, embora pareçam textos ingênuos e despretensiosos, são objetos carregados de parcialidade e de mensagens complexas, capazes de serem compreendidas por um maior número de pessoas, alcançando efeito superior ao do discurso verbal (MOTTA, 2006, p.17). Ocultando facetas de crítica por trás de traços leves e coloridos, os caricaturistas brasileiros, no presente caso Théo e J Carlos, procuraram mostrar aos leitores da *Careta*, de maneira abrangente e chistosa, um Hitler inescrupuloso, insano, racista, megalomaniaco. Ao apresentar o líder nazista em traços ridículos, os caricaturistas se propunham a desacreditá-lo e desmoralizá-lo, e, conseqüentemente, esvaziar sua argumentação/proposta e derrotá-lo (MOTTA, 2006, p. 20).

Através do estudo de vinte e sete charges assinadas por J. Carlos, Osvaldo e Théo, foi possível compreender de que modo um periódico carioca de circulação nacional posicionou-se contra um líder ditatorial inescrupuloso e odiado, alinhando-se à oposição ao nazismo antes mesmo que o próprio governo estado-novista de Getúlio Vargas decidisse qual o melhor lado a apoiar em um momento crítico – senão o mais crítico – da História mundial. Caricaturou-se um líder esteticamente bizarro, histérico, louco, frustrado, ambicioso, ganancioso, mau estrategista, fracassado, monstruoso e diabólico. Odiado por todos, teve a morte desejada como poucos. Um atentado malgrado contra sua vida fora considerado um serviço mal feito. Até mesmo Satanás perdera seu status de crueldade absoluta para o líder nazista, que em gestualidade temível o assombra. Para esvaziar toda a legitimidade de sua liderança e suas ações, os caricaturistas trabalharam incansavelmente para destacar os inúmeros fracassos de Hitler, seja em torno de uma simples questão de desejos de juventude, seja em torno de missões consideráveis, como nos esforços de guerra. Ao transformarem Hitler em objeto de riso, o Führer deixava de ser alguém a quem temer e respeitar e passava a ser simplesmente um personagem “gozadíssimo”, como, segundo Djalma Pires Ferreira, sempre fora.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- COUTO, Sérgio Pereira. *Dossiê Hitler*. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.
- KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V. 1.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963. V. 2.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- SCHROEDER, Christa. *Doze anos com Hitler, 1933-1945: testemunho inédito da secretária do Führer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SILVA, Marcelo Almeida. *O Reich e o Stato aos pés do Cristo: o totalitarismo sob a ótica das charges da revista Careta durante a Segunda Grande Guerra*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas. Juiz de Fora: UFJF, 2014

#### **RELAÇÃO DAS IMAGENS**

1. *Careta*, 27/03/1943, nº 1813, ano XXXV, p. 16.
2. *Careta*, 18/11/1940, nº 1899, ano XXXVII, p. 4.
3. *Careta*, 03/04/1943, nº 1814, ano XXXV, p. 3.
4. *Careta*, 15/07/1944, nº 1881, ano XXXVII, capa.
5. *Careta*, 30/09/1944, nº 1892, ano XXXVII, capa.
6. *Careta*, 14/10/1944, nº 1894, ano XXXVII, capa.